

O fogo espiritualizado Rudolf Steiner

GA 109* O feito do Gólgota A irmandade do santo Graal O fogo espiritualizado

Colônia, domingo de Páscoa, 11 de abril de 1909^{NT}

Tradução: Salvador Pane Baruja, 04/08/2024

Uso particular e sem fins lucrativos

NT: Esta palestra faz parte de outras proferidas ao longo do ano de 1909 em várias cidades alemãs para membros da Seção Alemã da Sociedade Teosófica. O tema central é a economia espiritual em relação a questões específicas da reencarnação a partir do ponto de vista da direção espiritual da humanidade. Uma observação do editor da edição utilizada para esta tradução explica que “Rudolf Steiner entende como economia espiritual o princípio de não deixar que as conquistas espirituais se perdam na grande organização da natureza“. Embora não fora permitido, algumas pessoas tomaram parcialmente notas do conteúdo das palestras.

Um benefício mais imediato de símbolos temporais significativos como o da festa da Páscoa é que o nosso coração e a nossa alma tornam-se mais propícios ao olhar cada vez mais profundo do enigma e da essência do ser humano. E assim mais uma vez é apresentada à nossa alma, ao nosso olhar espiritual, a luminosa lenda oriental, que ontem já nos fez intuir que ela contém o enigma e a essência do ser humano: a lenda de Caxiapa^{NT}, o grande sábio, o discípulo iluminado de Shakyamuni, que com grande visão e enorme impulso ativo tinha reunido toda a sabedoria do oriente. Falava-se com razão que nenhum de seus sucessores conseguira preservar sequer um pouco da sabedoria que Caxiapa tinha bebido das profundas fontes da sabedoria de Shakyamuni e que fora o último ser humano que conhecera a sabedoria primordial dos mundos.

A lenda continua dizendo que, assim que a morte se aproximou de Caxiapa e ele sentiu a proximidade do seu nirvana, retirou-se a uma caverna nas montanhas. Ele morreu lá em plena consciência. Seu corpo ficou incorruptível, inacessível à humanidade comum e corrente, mas passível de ser encontrado por quem amadurece através da iniciação para chegar a esses segredos. Assim, o corpo incorruptível de Caxiapa jazia oculto numa caverna das montanhas. Uma profecia dizia que o novo grande proclamador da sabedoria primordial dos mundos surgiria sob a nova forma do Buda Maitreya {NT: ou Maitreia}, que, ao chegar ao auge de sua existência terrena, iria até a caverna onde repousa o corpo de Caxiapa. Então, o Buda Maitreya tocaria-lhe o corpo com a mão direita e um fogo maravilhoso desceria do cosmos, atingiria o corpo incorruptível de Caxiapa e o levaria aos mundos espirituais superiores.

É assim que o oriental que entende essa sabedoria espera pelo reaparecimento do Buda Maitreya e pela forma que agiria no corpo incorruptível de Caxiapa. Vai acontecer tudo isso? Vai aparecer o Buda Maitreya? E o maravilhoso fogo espiritual vai arrebatá^{NT} os restos incorruptíveis de Caxiapa? Se, apoiados nos nossos autênticos sentimentos de Páscoa pesquisarmos o fogo maravilhoso que deve levar os restos mortais de Caxiapa, poderemos intuir a profunda sabedoria que permeia este relato. Ontem vimos que, na nossa época, a divindade se revela por meio de dois polos: de um lado, pelo fogo macrocósmico do raio e, de outro, pelo fogo microcósmico do sangue.

NT: De acordo com a mitologia hindu, Caxiapa é um *rixī* (sábio), criador de várias divindades e da humanidade. No meio budista, refere-se ao ser humano representante de uma etapa evolutiva do Buda. *Shakyamuni* (termo do sânscrito traduzido como “o sábio da estirpe de Shakya“) é uma outra denominação de Sidarta Gautama, o nome inicial de Buda, “o iluminado“.

NT: Nas versões católica e protestante do Velho Testamento e do Novo Testamento, o termo “arrebatar” significa que o ser humano em pleno corpo físico vê-se (e)levado a esferas celestiais. Um exemplo do Novo Testamento encontra-se em 1 Tessalonicenses 4:17 - “Depois disso, os que estivermos vivos seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares“. Os dicionários brasileiros de língua portuguesa não registram esta acepção.

Vimos que o Cristo se anunciou a Moisés tanto na sarça ardente quanto no trovão e no fogo do raio no monte Sinai. Nenhuma outra potência {espiritual} falou o que o Cristo disse a Moisés: “eu sou o Eu Sou“. E deu-lhe os dez mandamentos em meio ao fogo do raio no Sinai. Com isso, preparou-se [texto incompleto]. Depois ele apareceu no microcosmo da Palestina. O fogo que vive em nosso sangue é o mesmo Deus que se anunciou no fogo celestial e que se encarnou num corpo humano no mistério da Palestina, para assim penetrar com a sua força o sangue humano, onde o fogo humano se assenta. Se acompanharmos as consequências do significado desse fato para a existência na Terra, poderemos encontrar através dele o fogo ardente que vai levar os restos de Caxiapa.

A totalidade da evolução do mundo consiste na progressiva espiritualização da matéria. O poder de Deus se apresentou a Moisés como sinal exterior no fogo material da sarça ardente no Sinai. Ora, o feito crístico espiritualizou esse fogo. E, depois que o poder do Cristo interveio na Terra, quem é que pode ver o ardente fogo espiritual? Quem pode captá-lo? É o olho espiritual, que foi aberto e despertado pelo próprio impulso do Cristo. É esse olho que vê o fogo espiritualizado da sarça ardente sensorial. E, depois que o impulso crístico despertou o olho espiritual, esse fogo passou a agir também espiritualmente no nosso mundo.

Quando foi novamente vivenciado esse fogo? Ele foi novamente vivenciado quando o olho do Saulo foi iluminado, tornou-se clarividente, e no caminho a Damasco viu e reconheceu aquele que, irradiando o fogo do céu, tinha consumado o mistério do Gólgota. Ambos contemplaram o Cristo: {primeiro} Moisés, no fogo material, na sarça ardente e no fogo do raio no Sinai, a quem só podia anunciar-se interiormente que o Cristo falava com ele. E {depois} Paulo, a cujo olho iluminado o Cristo se apresentou como o fogo espiritualizado. Da mesma forma como a matéria e o espírito se relacionam mutuamente no devir do mundo, assim também se relacionam mutuamente no andamento do mundo o milagroso fogo material na sarça ardente no Sinai e a maravilhosa visão do fogo nas nuvens, que iluminou o Saulo transformado em Paulo. E o que aconteceu através desse fato na totalidade do devir do mundo?

Contemplemos retrospectivamente a grande série daqueles que fizeram a humanidade feliz, dos salvadores da humanidade, desses grandes vultos da humanidade, que foram a expressão exterior dos avatares, das potências divinas e espirituais, que de época em época desciam das alturas espirituais e tomavam forma humana, como Vixnu, Krishna e outros, que tinham que aparecer {na Terra} para que a humanidade encontrasse de volta o caminho aos mundos espirituais. Na antiguidade, a humanidade precisou da força divina que descia {à Terra} para poder achar o caminho de volta. Porém, a partir da realização do mistério do Gólgota o ser humano recebeu a faculdade de, a partir de seu próprio interior, achar as forças que podem elevá-lo aos mundos espirituais.

O Cristo desceu muito mais profundamente do que esses dirigentes do mundo e da humanidade, pois ele não somente trouxe forças celestiais ao corpo físico, mas espiritualizou de tal maneira o corpo físico, que o ser humano pode achar por conta própria o caminho aos mundos espirituais. Os salvadores pré-crísticos salvaram a humanidade utilizando forças divinas. O Cristo salvou a humanidade com forças humanas. Dessa maneira, essas forças humanas se apresentam à nossa alma assim como elas poderiam ser com a sua força original.

O que teria acontecido com a nossa Terra, se o Cristo não tivesse aparecido nela? Hoje queremos lidar com esta séria e incisiva questão. Mais e mais salvadores do mundo poderiam ter descido dos mundos espirituais {à Terra}, mas afinal das contas nela apenas teriam encontrado pessoas de tal forma enterradas na matéria, que as puras forças divinas e espirituais não teriam encontrado em meio dessa matéria impura e profana o caminho para o ser humano ascender novamente. Profundamente tristes e enlutados, os sábios orientais olhavam o futuro, pois eles sabiam que o Buda Maitreya iria aparecer para renovar a sabedoria primordial dos mundos, mas nenhum discípulo poderia receber essa sabedoria primordial dos mundos. Se o devir do mundo tivesse continuado como se dera até então, o Buda Maitreya teria pregado para ouvidos surdos e os seres humanos, profundamente afundados na matéria, não teriam entendido o que ele fosse pregar.

A Terra tinha se tornado a tal ponto materialista que o corpo de Caxiaba teria se corrompido e o Buda Maitreya não mais teria podido elevar os restos mortais do Caxiapa às alturas divinas e espirituais. As pessoas que mais profundamente entendiam a sabedoria oriental já olhavam enlutadas o futuro e se interrogavam se a Terra seria capaz de mostrar ainda um pouco de compreensão e de sentimento pelo Buda Maitreya que deveria aparecer.

Uma poderosa força celestial deveria irradiar a matéria terrestre e nela se sacrificar. Não deveria ser apenas um Deus que desceria sob o disfarce da forma humana, mas um autêntico ser humano com forças humanas, levando Deus no seu interior. O feito do Gólgota teria que ocorrer para que a matéria na qual o ser humano estava imerso pudesse ser lavada e purificada, de tal forma que a matéria assim lavada e purificada seria adequada para que a sabedoria primordial dos mundos fosse novamente compreendida pelas futuras encarnações {humanas}. E a humanidade deveria ser conduzida a entender como realmente o feito do Gólgota agiu nesse sentido. Afinal, o que foi o feito do Gólgota para a humanidade? Até que ponto ele penetrou de maneira profunda e radical na essência e na existência do ser humano?

Olhemos retrospectivamente para doze séculos de história! Vejamos seis séculos antes do feito do Gólgota e seis séculos depois dele, e observemos determinados acontecimentos que se manifestaram na alma humana durante esse tempo. De fato, não é possível confrontar a sensível alma humana com algo mais grandioso e significativo do que com o imponente momento a partir do qual se preserva a lenda da progressiva iluminação do Buda. Ele renunciou ao seu entorno palaciano. E não nasceu num estábulo em meio a pobres pastores. Porém, não é isso que deveria ser destacado, mas que ele abandonou o ambiente palaciano e a partir daí encontrou o que até então não conhecera: a vida nas suas mais diversas manifestações.

Ele encontra uma criança, fraca e infeliz, cuja sofrida existência começou com o próprio nascimento. Ele sente que o nascimento é sofrimento. Depois, a alma sensível do Buda vê uma pessoa doente, muito velha e fraca. Isso pode acontecer à pessoa compelida pela sede de viver no mundo físico. Logo, a doença é sofrimento. Ele acha um idoso inválido pela idade. O que a vida faz a uma pessoa, que gradualmente não pode mais ser dona de seu corpo? Velhice é sofrimento. Ao observar um cadáver, vê-se confrontado com a morte e como ela destrói e aniquila a vida: a morte é sofrimento. Buda continua se interrogando sobre a vida e conclui: estar separado do que a pessoa ama é sofrimento; estar unido ao que a pessoa não ama é sofrimento; não ter o que a pessoa cobiça é sofrimento.

A doutrina do sofrimento ressoou de maneira potente e penetrante no coração e no peito dos seres humanos. Incontáveis pessoas conheceram a grande verdade da libertação do sofrimento através da extinção da sede de viver, conheceram como deveriam aspirar a sair da existência física e terrena, como deveriam almejar sair das encarnações terrenas e como somente a extinção da sede de viver pode conduzir à salvação e à libertação do sofrimento. Realmente, aqui é apresentada à nossa alma uma elevada culminação do desenvolvimento da humanidade.

Olhemos retrospectivamente para um período de doze séculos de história. Vejamos seis séculos antes de nossa época e seis séculos depois {do seu início}. É preciso destacar que no meio desse período de tempo ocorreu o mistério do Gólgota. Da época do Buda, eu só destacaria os seguintes pontos: o cadáver, o que o Buda sentiu ao observá-lo, e o que ele ensinou a partir disso. Seis séculos após o feito do Gólgota, incontáveis almas, incontáveis olhos, se voltaram para uma cruz de madeira, na qual estava pendurado um cadáver. É a partir desse cadáver que surgem os impulsos para a humanidade espiritualizar a vida, os impulsos pelos quais a vida vence a morte. É o pólo oposto daquilo que Buda sentiu ao observar um cadáver.

Buda viu um cadáver e reconheceu nele que a vida nada é. As pessoas que viveram seiscentos anos depois do feito do Gólgota elevaram os olhos com devotado fervor para o corpo {de Jesus Cristo} na cruz. Ele era para eles o sinal da vida e essas almas captaram a certeza de que a existência não é sofrimento, mas que ela conduz além da morte, conduz à bem aventurança. O corpo de Jesus Cristo na cruz passou a ser, seis séculos após o feito do Gólgota, a recordação da vida, da ressurreição da vida, da superação da morte e de todo sofrimento, assim como o corpo {que Buda viu} seiscentos anos antes do mistério do Gólgota foi o sinal de que o ser humano que entra no mundo físico com sede de viver deve sofrer. Nunca na totalidade da evolução da humanidade ocorreu uma reviravolta maior do que essa {entre a época do Buda e a do mistério do Gólgota}.

Se seiscentos anos antes {do mistério do Gólgota} a entrada ao mundo físico era causa de sofrimento para o ser humano, como interpreta a alma a grande verdade sobre o sofrimento da vida agora, após o feito do Gólgota? Como interpretam as pessoas que, imbuídas de compreensão, olham para o alto da cruz do Gólgota? O nascimento é {realmente} sofrimento, como disse Buda? As pessoas imbuídas de compreensão olham lá para o alto da cruz do Gólgota, se sentem unidas à cruz e dizem que o nascimento conduz o ser humano para uma Terra que teve a possibilidade de cobrir com seus elementos {materiais} o Cristo. Elas querem de boa vontade pisar na {mesma} Terra pela qual o Cristo andou. Através da ligação com o Cristo, surge na alma a força pela qual esta pode ascender aos mundos espirituais. Assim, surge o conhecimento de que o nascimento não é sofrimento, mas a porta para encontrar o salvador, cujo corpo ficou coberto pelas mesmas substâncias físicas que formam o envoltório etérico {de cada ser} humano.

A doença é sofrimento? Não! Isto disseram aqueles que entenderam o verdadeiro sentido do impulso do Gólgota. Não, doença não é sofrimento. Mesmo que hoje a humanidade ainda não pode entender o que a vida espiritual que flui com o Cristo realmente é, os seres humanos poderão aprender a entendê-la no futuro. Então saberão que todas as doenças podem ser superadas por meio das poderosas forças sanadoras que fluem desse impulso que no seu mais íntimo contém a força do Cristo, desde que as pessoas deixem que o impulso crístico flua na sua vida e a partir daí passem a desenvolver essas forças. Isso, porque o Cristo é o grande sanador da humanidade. Na sua força está contido tudo aquilo que pode desenvolver a poderosa força sanadora a partir do espiritual e superar a doença. A doença não é sofrimento. A doença é uma oportunidade para superar dificuldades, na medida em que o ser humano desenvolve em si mesmo a força crística.

O ser humano deve igualmente ganhar essa compreensão sobre as queixas da velhice. Enquanto mais aumentar a fraqueza de nossos membros, mais poderemos crescer espiritualmente, poderemos tomar posse das forças crísticas que repousam em nós. A velhice não é sofrimento, pois a cada dia que passa crescemos no mundo espiritual. Nem a morte é sofrimento, pois ela será superada pela ressurreição. A morte foi vencida pelo feito do Gólgota. E o que nos separa daquilo que amamos pode ser sofrimento? Não!

As almas que aceitam a força crística sabem que o amor pode criar laços de uma alma para outra além de todos os obstáculos materiais, laços espirituais, que não podem ser rasgados. Nada existe na vida entre o nascimento e a morte, bem como entre a morte e um novo nascimento, que impeça encontrar através do impulso crístico o caminho ao espírito. É impensável que, desde que nos deixemos permear pelo impulso crístico, possamos a longo prazo estar separados do que amamos. O Cristo nos leva junto àquilo que amamos.

Igualmente, o “estar unido ao que não amamos” não pode ser sofrimento, porque o impulso crístico ensina que, quando o aceitamos na alma, passamos a amar tudo conforme {o impulso crístico}. O impulso crístico mostra o caminho e, quando o encontramos, o “estar unido ao que não amamos” não pode nunca mais ser sofrimento, porque então tudo o que existe podemos abranger com amor. Assim mesmo, o “não atingir o que se deseja” deixa de ser sofrimento graças ao Cristo, porque os sentimentos e as sensações do ser humano, o que ele deseja, serão purificados e enobrecidos de tal maneira, que os seres humanos somente poderão desejar aquilo que eles podem vir a ser. Eles deixam de sofrer por aquilo do que se privam, pois, na medida em que se privam {do que desejam}, eles se purificam e o impulso crístico lhes dá a força para sentir a privação como purificação e, portanto, {a privação} não é mais sofrimento.

O que é, portanto, o feito do Gólgota? É o livrar-se progressivamente dos fatos apresentados pelo grande Buda como sendo sofrimento. Na evolução e na essência do mundo não existe qualquer outro impacto maior do que o do feito do Gólgota. É por isso que podemos entender que ele continua agindo e tem poderosos efeitos positivos para a humanidade que ainda virá. O Cristo é o maior enviado divino que desceu à Terra. Quando uma entidade como ele entra na existência {do mundo}, como o fez o Cristo no Jesus de Nazaré, surge algo misterioso, altamente significativo. Em pequenas proporções, quando plantamos um grão de trigo na terra, ele cria raízes, o caule e a espiga crescem, e os muitos grãos de trigo são a reprodução do único grão inicial que plantamos. É assim mesmo com o que ocorre no mundo espiritual. Pois “tudo o que é efêmero constitui uma alegoria”¹ e podemos ver a multiplicação do grão de trigo como uma imagem, uma alegoria, dos mundos espirituais.

Após a consumação do feito do Gólgota, os corpos etérico e astral do Jesus de Nazaré foram multiplicados pela força interior do Cristo que morava em Jesus. Desde essa época, existem inúmeras imagens dos corpos etérico e astral do Jesus de Nazaré nos mundos espirituais. Essas imagens continuaram fazendo efeito. Quando uma individualidade humana desce dos mundos espirituais à existência terrena, ela vê-se revestida pelos corpos etérico e astral. Contudo, como nos mundos espirituais existem essas imagens dos corpos etérico e astral do Jesus de Nazaré, ocorre algo muito especial para os seres humanos com um carma com essa predisposição.

¹ Parte do coro no final da obra de Wolfgang Goethe *Fausto*, segunda parte, quinto ato.

Depois da consumação do mistério do Gólgota, quando o carma de uma individualidade permite, é entretecida uma imagem do corpo etérico ou astral do Jesus de Nazaré nessa individualidade. Isso ocorreu nos primeiros séculos da nossa época, por exemplo, com Agostinho^{NT}. Quando essa individualidade desceu do mundo espiritual, uma imagem do corpo etérico do Jesus de Nazaré foi entretecido no seu corpo etérico, mantendo essa personalidade {Agostinho} os seus próprios corpo astral e o seu Eu, mas no seu corpo etérico fora entretecida uma imagem do corpo etérico do Jesus de Nazaré.

Assim, aquilo {o corpo etérico} que cobriu o homem divino na Palestina foi transferido para outros seres humanos, que dessa maneira transportaram esse acréscimo de um grande impulso para o conjunto da humanidade. Como Agostinho dependia dos seus próprios Eu e corpo astral, ele ficou exposto a todo tipo de dúvidas, hesitações e erros, que mal conseguiu vencer, pois eles provinham dessas partes ainda imperfeitas de sua essência. Tudo o que ele conseguiu fazer se deu passando pelos juízos errados e pelos equívocos do seu Eu.

Mas assim que ele conseguiu passar por essas dificuldades e seu corpo etérico começou a agir, teve acesso às forças contidas na imagem do corpo etérico do Jesus de Nazaré, alojado no seu próprio corpo etérico. Dessa maneira, foi ele quem pode anunciar algumas das maiores verdades do maior mistério do oriente. Muitos dos grandes portadores do cristianismo no oriente, que foram chamados para que o cristianismo continuasse agindo nos séculos IV, V, VI até o X, somente puderam apresentar grandes idéias exemplares porque tinham uma imagem do corpo etérico do Jesus de Nazaré entretecido no seu próprio corpo etérico. É por isso que eles puderam desenvolver as grandes visões, as grandes idéias exemplares, que foram apresentadas pelo grandes pintores e escultores da posteridade.

Como surgiram esses gêneros exemplares para as obras de arte que até hoje em dia impressionam? Eles surgiram porque a imagem do corpo etérico espiritualizado do Jesus de Nazaré estava entretecida nessas pessoas dos séculos V, VI, VII e VIII de nossa época e, assim, aconteceram essas grandes inspirações com um conteúdo de cristianismo isento de transmissão histórica. Essas pessoas receberam o conteúdo da doutrina do Cristo através da imagem do corpo etérico do Jesus de Nazaré. Elas não precisaram conhecer os eventos do cristianismo transmitidos pela história e sabiam por meio da própria iluminação que o Cristo vive, porque portavam em si mesmas uma parte do Jesus de Nazaré. Elas sabiam que o Cristo vive, igualmente como Paulo, que viu no fogo cósmico espiritualizado o surgimento do Cristo. Teria Paulo se convertido se tivesse tomado conhecimento dos eventos ocorridos na Palestina somente através do que se contava na época?

Nenhum dos eventos que poderiam ter sido a ele contados naquela época estava em condições de gerar a passagem de Saulo a Paulo. E, contudo, o mais importante impulso para a expansão exterior do cristianismo foi dado por Paulo, que não acreditou nos relatos que circulavam no plano físico, mas que, através de um evento oculto, acreditou o que ocorrera no mundo espiritual. É muito estranho que há pessoas que querem chegar a um cristianismo desprovido da iluminação espiritual! O cristianismo não teria se espalhado exteriormente pelo mundo se não fosse graças à iluminação espiritual de Paulo. A expansão exterior do cristianismo deve sua existencia a um evento supra sensível.

NT: Aurélio Agostinho de Hipona (+Tagaste, atual Souk Ahras, na Argélia, 13 de novembro de 354, * 28 de agosto de 430, Hipona atual Annaba, na Argélia) é um dos mais conhecidos teólogos dos primeiros séculos do cristianismo.

O cristianismo continuou se espalhando nas épocas posteriores através daqueles que vivenciaram o Cristo pela iluminação interior, assim como acabei de explicar. Outras pessoas vivenciaram inclusive o Cristo histórico, porque possuíam em si os restos do que ficou do Cristo histórico e de seus corpos. Entre os séculos XI e XIV, outras pessoas receberam o corpo astral do Jesus de Nazaré, quando o carma {da respectiva pessoa} permitia e estavam maduras para isso. Algumas dessas pessoas que receberam o corpo astral do Jesus de Nazaré são Francisco de Assis e Isabel da Hungria e da Turíngia^{NT}, entre outras. Se nada soubermos disso, por exemplo, a vida de Francisco de Assis, e a de Isabel da Hungria e da Turíngia, permaneceria incompreensível para nós.

Tudo o que hoje parece muito estranho na vida do Francisco de Assis tem a ver com que o seu Eu humano lhe pertencia, mas a humildade, a entrega e o fervor que tanto admiramos em Francisco de Assis têm a sua origem no fato de que no seu corpo astral estava entretecida uma imagem do corpo astral do Jesus de Nazaré. Outras pessoas também receberam essas imagens e tornaram-se exemplos que podemos emular, quando sabemos desses fatos. Quem quiser aprofundar-se na vida de Isabel da Hungria e da Turíngia, como poderia entendê-la se desconhecesse que uma imagem do corpo astral do Jesus de Nazaré fazia parte dela? Muitas pessoas foram levadas pela continuidade da força crística a levar esse poderosíssimo impulso para a posteridade.

Algo mais ficou em compasso de espera para o futuro: ainda existem incontáveis imagens do Eu do Jesus de Nazaré {no mundo espiritual}. É verdade que, assim que o Cristo entrou em Jesus de Nazaré, o seu Eu saiu dos três corpos {físico, etérico e astral}, mas ainda existe mais uma imagem, elevada pelo feito crístico. Essa imagem do Eu foi reproduzida de maneira infinita. Nessa imagem do Eu do Jesus de Nazaré temos algo que ainda hoje existe no mundo espiritual. Sim, essa imagem do Eu do Jesus de Nazaré pode ser encontrada nas pessoas que se tornaram maduras para carregar em si essa imagem com o esplendor da força do Cristo e do impulso crístico.

O sangue é a expressão física exterior do Eu. Esse é um grande mistério. Sempre existiram pessoas que sabiam disso e do fato de que existem imagens do Eu do Jesus de Nazaré no mundo espiritual. E sempre existiram pessoas que, a partir do feito do Gólgota e através dos séculos, contribuíram secretamente para que a humanidade se tornasse gradualmente madura, para que existam pessoas que possam receber as imagens do Eu do Jesus de Nazaré e do Cristo, assim como existiram pessoas que receberam imagens dos seus corpos etérico e astral. Para que isso possa ocorrer, deveria ser encontrado o mistério, pois foi possível preservar esse Eu, no mais absoluto silêncio, nas profundezas do mistério, para ser revelado no momento adequado ao desenvolvimento da Terra e da humanidade.

Para isso, foi formada uma irmandade de iniciados, que preservou esse segredo: a Irmandade do Santo Graal². Ela guardou esse segredo. A sociedade sempre existiu. Fala-se que seu criador tomou o cálice que Jesus Cristo utilizou na Santa Célia e que nele colheu o sangue que fluiu das feridas do Salvador na cruz. Ele guardou no cálice, no Santo Graal, o sangue, essa expressão do Eu. Ele guardou o cálice com o sangue do Salvador, com o segredo da imagem do Eu do Jesus Cristo, num lugar sagrado, na irmandade, constituída através de suas instituições e das iniciações dos irmãos do Santo Graal.

NT: Giovanni di Pietro di Bernardone (+ Assis, na Itália, em 5 de julho de 1182; * Assis, 3 de outubro de 1226) é o criador da Ordem dos Franciscanos, ligada à igreja católica. Isabel da Hungria e da Turíngia (+ Bratislava, capital da atual Eslováquia, 7 de julho de 1207, * Marburgo, atual cidade da Alemanha, em 17 de novembro de 1231) é considerada santa pela igreja católica.

² Veja a Obra Completa volume 144 *Os mistérios do Oriente e o cristianismo* Rudolf Steiner Verlag Dornach 1985.

Agora é chegado o momento quando esses segredos devem ser divulgados, quando os corações das pessoas podem amadurecer através da vida espiritual, de tal forma que possam se elevar à compreensão desse grande mistério. Se as almas conseguirem despertar pela ciência espiritual para a compreensão desse mistério, se nossas almas se adaptarem a essa compreensão, elas se tornarão maduras para, ao olhar esse cálice espiritualizado, conhecer o mistério do Eu do Cristo, do Eu eterno, que cada Eu humano pode chegar a atingir. Esse é o mistério, para o qual as pessoas somente são chamadas através da ciência espiritual a entender esse segredo como um fato para, ao olhar o Santo Graal, receberem o Eu. Para isso, é preciso entender o ocorrido como um fato, aceitá-lo como um fato.

Assim, à medida que as pessoas estiverem mais preparadas para receber o Eu do Cristo, mais o Eu do Cristo vai se derramar nas almas dessas pessoas. Elas se elevarão até lá onde estava o grande exemplo, onde estava o Jesus Cristo. Dessa maneira, as pessoas aprenderão a entender em que medida o Jesus Cristo é o grande exemplo para a humanidade. E quando a humanidade passar a entender isso, aí vai começar a captar no mais recôndito canto do seu coração que a certeza, a verdade, da eternidade da vida, provém do cadáver na cruz de madeira do Gólgota. Os cristãos do futuro, inspirados e tomados pelo Eu do Cristo, entenderão algo mais.

Eles entenderão aquilo que até esse então somente os iluminados tinham entendido. Eles não entenderão simplesmente o Cristo que passou pela {prova da} morte, mas irão entender o Cristo triunfante que ressuscitou no fogo espiritual do apocalipse, que já fora anunciado. E a festa de Páscoa pode ser sempre para nós um símbolo do ressuscitado, um laço que vincula o Cristo na cruz ao Cristo triunfante, ao Cristo ressuscitado e elevado à direita do Pai.

É assim que o símbolo da Páscoa nos mostra a totalidade da perspectiva do futuro da Terra, do futuro do desenvolvimento da humanidade. Ele é um testemunho de que no futuro os seres humanos inspirados em Cristo passarão mais de Saulo para Paulo e cada vez mais contemplarão o fogo espiritual. Realmente, assim como o Cristo apareceu para Moisés e para aqueles que o seguiam profetizando antecipadamente no fogo material da sarça ardente e no raio no monte Sinai, assim surgirá no futuro o Cristo diante de nós no fogo espiritualizado. “Ele está entre nós por todos os dias, até o fim do mundo”³ e irá surgir no fogo espiritualizado para aqueles cujo olhar foi iluminado pelo feito do Gólgota. Os seres humanos no futuro irão contemplá-lo no fogo espiritualizado. No passado, o contemplaram em outra forma, e futuramente o contemplarão na verdadeira forma do Cristo no fogo espiritualizado.

Mas como o Cristo agiu muito profundamente na existência terrena até no interior do esqueleto humano, ele purificou e espiritualizou de tal maneira os elementos da Terra conformantes do envoltório {do seu corpo físico}, que essa substância física não poderá nunca mais ser como os sábios orientais supunham na sua tristeza, na medida em que acreditaram que o iluminado do futuro, o Buda Maitreya, não encontraria pessoas na Terra que ascenderiam à compreensão do Buda, porque elas teriam descido demais na matéria. É por isso que o Cristo foi conduzido ao Gólgota, para que ele possa elevar novamente a matéria aos mundos espirituais, para que o fogo, no lugar de virar escória na Terra, possa ser espiritualizado.

3 - Refere-se a Mateus 28:20.

Assim, os seres humanos voltarão a entender a sabedoria primordial dos mundos quando eles mesmo se espiritualizarem, essa sabedoria primordial dos mundos da qual outrora eles mesmos surgiram do mundo espiritual. Assim o Buda Maitreya⁴ encontrará na Terra a compreensão que de outra maneira não poderia ter encontrado, pois os seres humanos já terão passado por uma compreensão mais profunda ainda. Isto é assim, porque nós entendemos melhor tudo o que aprendemos na juventude quando nos tornamos maduros através das provações e, mais tarde, podemos olhar retrospectivamente. Dessa maneira, a humanidade entenderá a sabedoria primordial dos mundos à medida que, graças ao feito do Gólgota, olhar para essa sabedoria à luz do Cristo.

Bom, como poderiam ser resgatados os incorruptíveis restos mortais do Caxiapa e para onde seriam levados? Fala-se que o Buda Maitreya vai aparecer, tocá-lo com a mão direita e o corpo será arrebatado no fogo. No mesmo fogo que Paulo viu no caminho a Damasco podemos ver o maravilhoso fogo espiritualizado que resgatará o corpo do Caxiapa. Esse fogo vai resgatar para o futuro tudo o que foi grandioso e nobre no passado. O Buda Maitreya vai resgatar o corpo incorruptível do Caxiapa através do fogo espiritualizado do Cristo que apareceu a Paulo. Assim, vamos ver fluir o que foi grande, glorioso e sábio de todo o passado naquilo que a humanidade passou a ser graças ao feito do Gólgota.

De outro lado, a ressurreição do próprio espírito da Terra, a salvação da humanidade, surge no símbolo dos sinos de Páscoa. Esse símbolo ainda existia para aquele que sabia entender como a pessoa se eleva às alturas espirituais através do segredo da Páscoa. Não está isenta de significado a cena onde Fausto, que se encontra à beira da morte, é chamado de volta a uma nova vida pelos sinos da Páscoa, que o conduzem a um grandioso momento, quando, cego antes de morrer, ele diz a si mesmo: “A luz clara somente ilumina no interior”⁵. Assim ele pode penetrar no mundo espiritual, onde os nobres membros da humanidade serão salvos.

Tudo o que viveu no passado será resgatado, salvo e purificado na purificante espiritualidade que se derramou através do mistério do Gólgota sobre a Terra e a humanidade, assim como também o Buda Maitreya vai purificar no futuro o corpo incorruptível de Caxiapa, o grande sábio oriental, no maravilhoso fogo, na luz do Cristo, que apareceu a Paulo no caminho a Damasco.

4 Veja a Obra Completa volume 130 *O cristianismo esotérico e a direção espiritual da humanidade*, Rudolf Steiner Verlag Dornach 1995 {a palestra *A eterização do sangue*, de 1º de outubro de 1911, foi publicada pela Editora Antroposófica, segunda edição, São Paulo, 2015}.

5 Goethe, *Fausto*, segunda parte.

* GA 109 O princípio da economia espiritual em relação a questões da reencarnação Rudolf Steiner Verlag, terceira edição, Dornach, 2000.